

A tribo de Benjamin como berço para a monarquia israelita

Samuel de Freitas Salgado¹

Resumo:

Neste breve trabalho sobre a tribo de Benjamin procuraremos destacar não somente indícios geográficos dessa tribo, mas também outros aspectos que contribuíram para torná-la o berço da monarquia em israelita. Para isso, procuraremos analisar algumas passagens bíblicas que contém memórias acerca dessa tribo e que fornecerão indicações para a compreensão das suas principais características.

Palavras-chave: Benjamin, monarquia, tribo, herança, estrada do rei, Efraim, Dã, Judá.

Abstract:

In this short work on the tribe of Benjamin we will seek to point out not only the geographical indications of this tribe, but also other aspects that contributed to make it the cradle of the monarchy in Israel. For that, we will try to analyze some biblical passages which contains memories about this tribe and will provide indications for the understanding of its main features.

Keywords: Benjamin, monarchy, tribe, inheritance, Road King, Ephraim, Dan, Judah.

Um breve passeio ao território benjaminita

O primeiro testamento bíblico nos oferece importantes indicações sobre a tribo de Benjamin, especialmente em relação a seus contornos territoriais durante o período da conquista e assentamento das tribos na terra da Palestina. Vejamos acerca do relato concernente a tribo de Benjamin nas memórias contidas no livro de Josué 18, 11-28.²

Tradução literal

¹¹ E subiu a sorte da tribo dos filhos de Benjamin, em relação aos clãs deles;
e saiu o território da sorte deles entre os filhos de Judá e os filhos de José.

¹² E aconteceu para eles o território para a margem norte, do Jordão;

¹ Mestre e doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

² Optaremos em traduzir as passagens bíblicas de forma literal para sua melhor compreensão.

e subia o território ao lado³ de Jericó do norte,
e subia pela montanha oeste,
(e aconteceu) saídas⁴ dele para deserto⁵ de Bete-Áven (*bêt' āven*).

¹³ E atravessava dali o território para Luz (*lûz*)⁶, ao lado de Luz para sul que (é) Betel (*bêt' ēl*);

e descia o território (a) Atarote-Adar (*'atrôt 'adâr*), no monte que (está) no sul de Bete-Horom (*bêt ḥōrôn*) a mais baixa;

¹⁴ E dava volta o território

e mudava de direção para (a) margem oeste, sul do monte que (está) diante de⁷ Bete-Horom (*bêt ḥōrôn*), para sul,

e aconteceu saídas deles para Quiriate-Baal (*qiryat ba'al*) que (é) Quiriate-Jearim (*qiryat y'e'ārîm*), cidade dos filhos de Judá; esta (é) (a) margem oeste.

¹⁵ E a margem para (o) sul (é) do fim de Quiriate-Jearim (*qiryat y'e'ārîm*);

e avançava o território para oeste

e avançava para fonte das águas de Neftoa (*neptōh*).

¹⁶ E descia o território para (o) fim do monte que (está) diante do vale do filho de Hinom (*hinnom*), que (está) no vale profundo dos Refaim para norte,

e descia o vale de Hinom (*hinnom*) ao lado dos jebus (*y'e'bûsî*) para sul;

e descia (para) En-Rogel (*'ên rogēl*);

¹⁷ E dava volta do norte, e avançava para En-Semes (*'ên shemesh*);

e avançava para Gelilote, que (está) defronte da subida de Adumim,

³ Nelson Kirst; Nelson Killip; Milton Schwantes; Acir Raymann; Rudi Zimmer, *Dicionário hebraico-português & aramaico-português*, São Leopoldo/ Petrópolis, Sinodal/Vozes, 1989, p. 106. A expressão אֶל-כְּתֵף (*'el ketep*) significa “lado, encosta”.

⁴ Francis Brown; Samuel Rolles Driver; Charles Augustus Briggs, *Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*, eletronic ed., Oak Harbor, Logos Research Sistems, 2000, p. 426.1. O substantivo תּוֹצְאָה (*tôšā'â*) significa “saída, extremidade da fronteira de um território”.

⁵ Segundo Page H. Keley, *Hebraico bíblico: uma gramática introdutória*, São Leopoldo, Sinodal, 1998, p. 179-180. O sufixo הַ é um *he-locate* acrescentado ao substantivo, tendo a função de indicar a direção.

⁶ Francis Brown; Samuel Rolles Driver; Charles Augustus Briggs, *Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*, p. 531.2. Veja também Ludwig Koehler; Walter Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, CD-ROM Edition, Leiden, Koninklijke Brill NV, 1994-2000, p. 522. O termo לִז (lûz) remete ao antigo nome de Betel. O nome foi transferido do santuário para o povoado (Gn 28,19; 35,6; 48,3; Jz 1, 23).

⁷ A expressão עַל-פְּנֵי (*'al p'ênê*) nesta frase significa “diante de”. Veja H. J. Bosman; R. Oosting e F. Potsma, *Wörterbuch Zum Alten Testament: Hebräisch/Aramäisch-Deutsch Und Hebräisch/Aramäisch-Englisch; A Hebrew/Aramaic-English and Hebrew/Aramaic-German Lexicon of the Old Testament*, Deutsche Bibelgesellschaft, 2004, verbete פְּנֵי.

e descia pedra de Bohan, filho de Rúben;

¹⁸ E atravessava ao lado em frente de Arabá, para norte,
e descia a Arabá.

¹⁹ E atravessava o território ao lado de Bete-Hogla, para norte,
(e aconteceu) (saídas dele) o território para baía⁸ do mar do sal, para norte, para o fim
do Jordão, para sul;
este (é) o território do sul.

²⁰ E o Jordão fixará divisa a ele para a margem para leste;
esta (é) a herança dos filhos de Benjamin, para as divisas dela ao redor, em relação
aos clãs deles.

²¹ E aconteceram as vilas⁹ para tribo dos filhos de Benjamin, em relação os clãs deles:
Jericó, e Bete-Hogla, e Emeque-Quesis, ²² E Bete-Arabá, e Zemaraim, e Betel, ²³ E
Avim, e o Pará, e Ofra, ²⁴ E Quefar-Amonai, e Ofni e Gaba: doze vilas e
assentamentos¹⁰ delas; ²⁵ Gibeão, e a Ramá e Beerote, ²⁶ E a Mizpa, e a Cefira e a
Mosa, ²⁷ E Requém e Irpeel, e Tarala, ²⁸ E Zela, Haelefe, e os Jebus que (é) Jerusalém,
Gibeá e Quiriate: catorze vilas e assentamentos delas;
esta (é) a herança dos filhos de Benjamin, em relação aos clãs deles.

Esta unidade que trata acerca dos limites do território da tribo de Benjamin está dividida em duas unidades menores. A primeira descreve os limites externos, ou seja, suas fronteiras em relação as outras tribos adjacentes (18,11-20) e a segunda os limites internos, i.e, uma lista de suas vilas (18,21-28).

Limites externos

A introdução (v.11) descreve que o território da tribo dos filhos de Benjamin foi repartido por meio do גֹּרָל (gôrāl) “sorte”. Tal processo se dava provavelmente por

⁸ Cf. Wihelm Gesenius; Samuel Prideaux Tregelles, *Gesenius' Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament Scriptures*, Bellingham, Logos Research Systems, 2003, p. 443. O termo לָשׁוֹן (lāshôn) “língua” é aplicado para coisas inanimadas que se assemelham a língua. Nesta frase assume o significado de “baía”.

⁹ Moises Chavez, *Diccionario de Hebreo Biblico*, El Passo, Editorial Mundo Hispano, 1992, p. 500. O vocábulo עִיר (‘îr) denota “cidade, vila”.

¹⁰ Segundo Ludwig Koehler; Walter Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, p. 345. A expressão חֲצֵר (hāṣēr) pode ser traduzida como “assentamento permanente, área sem muros”. Todavia, Nelson Kirst; Nelson Killp; Milton Schwantes; Acir Raymann; Rudi Zimmer, *Dicionário hebraico-português & aramaico-português*, p. 75. Propõe que se traduza o termo por “acampamento cercado/protegido, área cercada, sítio, moradia, pátio”.

meio de pedras lançadas no ar.¹¹ É possível que o sorteio fosse apenas uma extensão ideal a todo povo do que realmente havia sucedido no plano do clã e da família (*mishpāhâ*). A verdadeira propriedade era comunitária; nela cada indivíduo se comportava como possessor só na qualidade de membro da comunidade.¹²

A tribo de Benjamin se estabeleceu entre Efraim ao norte e Judá ao sul. Para oeste seu vizinho era a tribo de Dã (Js 18,11). Possivelmente Benjamin tenha feito parte de Efraim. Uma vez que o nome Benjamin “filho da direita”, ou do sul, pode lhe ter sido atribuído pelos membros da “casa de José,” que eram seus vizinhos do norte.¹³

Os limites externos da tribo de Benjamin são descritos em sentido anti-horário. O lado norte do território partia do Jordão e subia pela encosta de Jericó, uma cidade oásis a oeste do Jordão.¹⁴ Jericó encontrava-se ao norte do Mar Morto numa importante rota de comunicação do baixo rio Jordão, pouco antes de sua desembocadura. Esta cidade estivera abandonada na era do bronze tardio (até 1200 a.C.). No entanto, na época do ferro foi revitalizada. Jericó era o ponto de passagem da Cisjordânia para a Transjordânia. Os *wadis*¹⁵ que deixavam sulcos apropriados para estradas e caminhos, favoreciam o acesso a Jericó sem grandes dificuldades. Uma vez alcançando o vale do rio Jordão, Jericó oferecia abrigo e água.¹⁶

De Jericó, o lado norte prosseguia rumo a oeste em direção as montanhas para Bete-Aven ou etimologicamente falando a “casa da iniquidade”, próximo ao limite efraimita (v.12). Evidências arqueológicas apontam vestígios da era do ferro em Tell Maryan, as quais corroboram a hipótese de que esta cidade seria a antiga Bete-Aven, uma colina no Wadi es-Suenît 1Km oeste de Mukhmas.¹⁷ Desse ponto, o limite seguia a noroeste para Luz “amendoeira” também chamada de Betel “casa de El”. É impossível descobrir com precisão se Luz e Betel representam uma única localidade ou se eram lugares distintos,

¹¹ Veja Moises Chavez, *Diccionario de Hebreo Biblico*, p. 116.

¹² Ciro Flamarion S. Cardoso, *Modo de produção asiático: nova visita a um velho conceito*, Rio de Janeiro, Campus, 1990, p. 6-7.

¹³ Hebert Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos*, São Leopoldo, Sinodal, 1997, p. 158. Veja também Milton Schwantes, *As monarquias no antigo Israel. O estado monárquico no final do século XI a.C.: um roteiro de pesquisa histórica e arqueológica*, São Leopoldo/São Paulo, CEBI/Paulinas, 2006, p. 75.

¹⁴ James Swanson, *Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domains: Hebrew (Old Testament)*, Oak Harbor, Logos Research Systems, 1997, DBLH 3747.

¹⁵ Cf. Geoffrey W. Bromiley, *The International Standard Bible Encyclopedia*, Michigan, Wm. B. Eerdmans, vol. 4, 2002, p. 999. O wadi é um vale através do qual as águas fluem durante o período chuvoso e que fica seco no restante do ano.

¹⁶ Milton Schwantes, *As monarquias no antigo Israel. O estado monárquico no final do século XI a.C.: um roteiro de pesquisa histórica e arqueológica*, p. 63-64.

¹⁷ David Noel Freedman, *The Anchor Bible Dictionary*, New York, Doubleday, vol. 1, 1996, p. 682.

embora em íntima proximidade. Alguns intérpretes admitem que Luz e Betel eram nomes sucessivos para um lugar. Para isso sustentam que o *ah* no final de *luzah* em 16,2 não seria um locativo (cf. o segundo *luzah* em 18,13). Assim sendo, Betel-Luzah seria um nome composto. Todavia, é provável que os nomes indiquem dois locais distintos. Neste caso, a menção de Betel junto a Luz em 18,13 seria uma interpolação. Dessa forma, Luz seria Bêitin e Betel seria o nome de um santuário em sua vizinhança que eventualmente deu seu nome para a localidade de Luz.¹⁸

De Betel, o limite descia em direção de Atarote-Adar, presumivelmente junto a linha divisória das águas. Local em que existia um *wadi* ou rota na planície, provavelmente o Wadi Suweinit.¹⁹ Daí seguia a oeste para a vizinhança da baixa Bete-Horon (v.13). Esta localidade não deve ser confundida com a alta Bete-Horom. As duas localidades provavelmente eram divididas por um *wadi*, sendo que a baixa Bete-Horom se encontrava a 320 m acima do nível do mar.²⁰ A expressão Bete-Horom também pode significar “Casa ou Templo de Horom (deus cananita)”, talvez citado nas cartas de Armana.²¹ A baixa Bete-Horom situava-se junto a Gezer, uma cidade cananéia próximo ao mar Mediterrâneo.

A fronteira ocidental cruzava Quiriate-Jearim, um local pertencente aos filhos de Judá, e depois contornava a leste (v.14). Quiriate-Jearim “cidade das florestas” era uma localidade gibeonita, as outras eram Gibeão, Cefira, Beerote. Juntas estas cidades controlavam a passagem nordeste para Jerusalém. Estava situada onde os territórios de Benjamin, Judá e Dã convergiam. Quiriate-Jearim é citada como o local onde foi conduzida a arca após ser devolvida pelos filisteus (1 Sm 6,19-7,2). Isso nos leva a inferir que esta localidade provavelmente teria sido um pequeno centro cúltico. Era conhecida pelos nomes de Baalá “esposa, senhora” uma referência à deusa da fertilidade (Aserá, Astarte, Anate), de Quiriate-Baal e finalmente de Quiriate-Jearim “cidades das florestas”. Neste caso, é perceptível certa demitologização, onde o deus e as deusas cananitas presentes no nome da localidade são substituídos por substitutos mais atraentes.²²

¹⁸ David Noel Freedman, *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 4, p.420.

¹⁹ Robert G. Boling; G. Ernest Wright, *Joshua: A New Translation with Notes and Commentary*, New Haven; London, Yale University Press, 2008, p. 397.

²⁰ Veja Francis Brown; Samuel Rolles Driver; Charles Augustus Briggs, *Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*, p. 111.2.

²¹ Robert G. Boling; G. Ernest Wright, *Joshua: A New Translation with Notes and Commentary*, p. 399.

²² David Noel Freedman, *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 4, p. 84.

A margem sul partia do leste de Quiriate-Jearim e avançava às águas de Neftoa (v.15). A raiz verbal נָצַף (yāšā') “avançar” nessa descrição significa seguir um *wadi* ou estrada da planície, provavelmente o wadi Suweinit rumo as águas de Neftoa “abertura”.²³ As águas de Neftoa encontra-se a noroeste de Jerusalém e tem sido identificada como Ain Lifta, uma fonte situada a pouca distancia da vila que recebe o mesmo nome.²⁴

Depois seguia rumo a *Jebusi*, ou seja, Jerusalém (v.16) através do vale do filho de Hinom, um estreito e profundo desfiladeiro que desembocava para o sul e oeste de Jerusalém. O limite passava junto a base desse desfiladeiro. Esta localidade é identificada como Wadi er Rabâbi localizado fora das muralhas da cidade.²⁵ E, posteriormente, descia para En-Rogel, no Wadi Qidron em sua junção com o vale do filho de Hinom.²⁶

No v.17, o território avançava (yāšā') o curso das águas para *En-Semes* “fonte do sol” situada ao sul da estrada de Jericó, a última fonte antes do vale do Jordão.²⁷ Daí direcionava-se no sentido de Gelilote “círculo”, ou seja, Gilgal, uma pequena região próximo a Jericó, no sul do Wadi Qilt.²⁸ Então descia a Pedra de *Bohan* próximo ao ponto mais alto da encosta da região montanhosa em descida para o Rio Jordão, apenas a poucos Km do mar Morto. O nome aponta mais para uma característica topográfica conhecida no período do que necessariamente um povoado. *Bohan* “polegar” parece não significar um nome próprio, e, sim, um afloramento rochoso²⁹ ou um pilar que se assemelhava a um polegar. A localização exata da pedra é debatida e a referência a um filho de Ruben chamado *Bohan* não nos ajuda na identificação. A associação do nome com Ruben, uma tribo instalada na Transjordânia, poderia indicar a memória da influência da tribo na margem oeste assim como na Transjordânia.³⁰

A raiz verbal עָבַר (‘ābar) “atravessar”, no início do v.18, descreve uma saliência ou desvio da descida em linha reta para o Arabá. Um desvio desejável pela configuração

²³ Robert G. Boling; G. Ernest Wright, *Joshua: A New Translation with Notes and Commentary*, p. 397.

²⁴ William Smith, *Smith's Bible Dictionary*, Nashville, Thomas Nelson, 1997.

²⁵ David Noel Freedman, *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 3, p.202.

²⁶ Robert G. Boling; G. Ernest Wright, *Joshua: A New Translation with Notes and Commentary*, p. 368.

²⁷ Geoffrey W. Bromiley, *The International Standard Bible Encyclopedia*, p. 105.

²⁸ D. R. W. Wood, *New Bible Dictionary*, Illinois, InterVarsity Press, 1996, p. 399.

²⁹ Cf. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2009, *verbete: afloramento*. Massa rochosa que aparece na superfície da terra por processos naturais e artificiais.

³⁰ David Noel Freedman, *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 1, p. 722.

dos rochedos íngremes representados pelo “Polegar” Bohan.³¹ Existe incerteza no significado do termo Arabá “planície”, “campina”, “deserto”, “vale”, “ermo”. No entanto, é provável que indique uma região árida. O termo era aplicado em parte ou totalmente a depressão do vale do Jordão que se estende do Monte Hermon na Síria ao Golfo de Acabá na África. Na antiguidade somente a “estrada do Rei” (Nm 20,17) percorria praticamente toda a trajetória do Arabá. Ela estende-se do Golfo do Acabá à Síria, margeando o leste do Mar Morto e o Vale do Jordão, cruzando Edom, Moabe, Amon, Gileade e Basã. No entanto, outras rotas transversais juntavam-se a “estrada do rei”.³² Uma dessas rotas transversais passava pelo território de Benjamin. A situação geográfica de Benjamin era favorável ao trânsito, o seu território era cortado ou margeado por importantes vias de comunicação: Jerusalém – Siquém, Jerusalém – Jericó, Betel – Jericó, além de Jerusalém – Bete-Horom – Gezer – planície litorânea.³³ Na mesma linha de Jericó, destacavam-se duas outras cidades: Gezer, na planície, no começo da Sefelá, e, do outro lado do rio Jordão, Rabá/Amã. Jericó e Jerusalém situam-se nessa importante rota de comunicação do baixo rio Jordão, pouco antes de sua desembocadura. A passagem da Cisjordânia (oeste) para a Transjordânia (leste) se dava junto a Jericó. O corredor oeste-leste era estrategicamente de grande relevância e foi duramente disputado entre os anos de 1300 e 1000 a.C. Os filisteus procuraram exercer o domínio sobre esta área. Todavia foram impedidos por um cinturão de cidades-estado cananéias, entre elas: Gezer, Saalbim, Aijalão, Jerusalém, Bete-Semes, Afeque e Jericó, as quais ligavam o litoral, a serra e o vale do Jordão.

É provável que este cinturão tivesse sua sede na planície em Gezer talvez o maior centro urbano do cinturão. Uma cidade expressiva rodeada por área fértil, na planície, na parte baixa da Sefelá. A idéia de que o corredor leste-oeste tinha sua sede na planície harmoniza-se com os dados acerca da sociedade cananéia, que se estabelecia na planície. Somente neste corredor os cananeus buscaram controlar as montanhas visto que a passagem a norte do Mar Morto era importante naquele tempo. A partir de 1200 a.C., não somente os filisteus, mas também as tribos das montanhas exerceram forte pressão sobre o cinturão cananeu, passando a ter o controle sobre vários lugares estratégicos. Os gibeonitas estabelecidos nas cidades de Gibeão, Cefira, Beerote e Quiriate-Jearim (Js 9,17) disputaram o seu “lugar ao sol” no corredor. Todavia,

³¹ Robert G. Boling; G. Ernest Wright, *Joshua: A New Translation with Notes and Commentary*, p. 429.

³² Geoffrey W. Bromiley, *The International Standard Bible Encyclopedia*, vol. 1, p. 218-219.

³³ Hebert Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos*, p. 158.

renunciaram às suas pretensões, talvez por sua desvantagem numérica, e entraram em aliança com Josué, sendo assimilados pelo tribalismo. Em contrapartida, os benjaminitas, residindo num território bastante reduzido e pouco abastecido com água, foram um grupo tribal decisivo e combativo.³⁴ Como veremos mais adiante.

O v.19 conclui a descrição da margem sul, fazendo um desvio para a vila Bete-Hogla e, então, se juntando novamente ao rio Jordão próximo a sua foz à leste (v.20). Na conclusão da primeira unidade é assegurado o fato de que o território descrito anteriormente seria *naḥālā* “herança” dos filhos de Benjamin subdividido aos seus clãs *mishpāḥā*. O termo *mishpāḥā* pode ser empregado tanto com referência a uma subdivisão fundamental do povo, equivalente a uma *shēbet*, “tribo”, quanto a uma unidade menor do que uma *shēbet*, frequentemente incluída dentro da *shēbet*, todavia, uma entidade mais ampla do que uma *bēth-’āv*, a “casa do pai”.³⁵ Já o significado básico de *naḥālā* provavelmente é “receber/dar em propriedade”. Em ambos os casos estão excluídos o sentido de compra. A origem do conceito remonta aos tempos seminômades. Durante o período da sedentarização, a terra disponível pertencia a todos os integrantes de um grupo familiar maior. A terra era posse comunitária. Cada família recebia uma cota do campo para seu próprio sustento. Após sete anos, o campo seria restituído devido à retribuição para ser novamente sorteado (Dt 31,10-13; Ex 23,10-13; Lv 25,1-7). Essa cota do campo era nomeada “cota de sorteio” ou “herança”, e realizada como ato cultual. A terra era entregue a divindade, que a redistribuía novamente para o grupo. Com a intensificação da agricultura e sua preponderância sobre a pecuária nômade, as famílias passaram a cultivar terras virgens. Com isso, o conceito “cota de sorteio” sofreu uma modificação. A cota da posse comunitária, a ser restituída depois de sete anos, tornou-se herança inalienável. Ninguém podia especulá-la ou negociá-la (1Rs 21,1-3) visto que pertencia a Javé (Lv 25,33; 1Sm 26,19; 2Sm 14,16; Jr 2,7; 16,18; 50,11; Sl 68,10; 79,1). A concepção de que a terra pertencia a Javé era o fundamento que sustentava a concepção da terra como posse comunitária do povo israelita.³⁶

Limites internos

³⁴ Milton Schwantes, *As monarquias no antigo Israel. O estado monárquico no final do século XI a.C.: um roteiro de pesquisa histórica e arqueológica*, p. 63-73.

³⁵ Norman K. Gottwald, *As tribos de Yahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a.C.*, São Paulo, Edições Paulinas, 1986, p. 267.

³⁶ Friedrich Erich Dobberahn, *Trabalho e direito fundiário: observações a partir do oriente antigo*, em *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, Vozes, n. 11, 1986, p. 69-70.

Dos v.21-28 encontramos os limites das vilas que faziam parte da tribo de Benjamin. Elas se concentravam em torno das áreas que foram consideradas o centro da ação na batalha narrada em Josué 2-9. As vilas estão listadas em duas seções. Sendo que uma delas possui catorze localidades e se encontra na bacia norte e oeste de Jerusalém (v. 25-28) e a outra que começa na parte oriental do cume e desemboca em Jericó e no Jordão possuía doze localidades (v. 21-24).³⁷

Algumas localidades são conhecidas e foram mencionadas anteriormente como limites externos da tribo de Benjamin. Entre elas destacam-se: Jericó; Beth Hoglah, Betel, Jerusalém etc. Outras não são mencionadas em outro lugar na Bíblia: Emeque-Queziz, Avim, e o Pará, Quefar-Amoni, Ofni, Mosá, Irpeel, e Tarala, Zela, Haelefe.³⁸ É possível que tais localidades desconhecidas seriam pequenas vilas e acampamentos situados a certo limite de distância de um centro urbano conhecido, visto que a proximidade excessiva redundaria em cobrança de tributo e espoliação.

O perfil da tribo

Vejam, agora, o perfil dessa tribo descrito no testamento de Jacó, uma coleção de ditos tribais poéticos, em forma de provérbio construído numa breve sentença, a qual emprega uma metáfora, um jogo de palavra, ou alguma outra descrição do caráter tribal. É provável que tal dito tenha surgido na sabedoria popular.³⁹ Passemos, então ao dito propriamente dito.

Benjamin (é) um lobo ele despedaça
na manhã ele devora (a) presa
e à tardezinha ele reparte saque. (Gn 49,27)

A tribo de Benjamin era pequena em número, mas poderosa na batalha.

O primeiro verso da poesia relata que “Benjamin é um lobo que despedaça”: No AT, o lobo, por conta de sua voracidade, era visto como símbolo para os exércitos devastadores (Jr 5,5; Hab 1,8) ou para maus governantes (Ez 22,27; Sf 3,3). Além disso, a imagem do lobo evidenciava todas as condições de um guerreiro: a cautela, a rapidez, a habilidade, a agilidade e a ferocidade. Por isso, comparar Benjamin com um lobo teria

³⁷ Robert G.Bratcher; Barclay Moon Newman, *A Translator's Handbook on the Book of Joshua*, London/ New York, United Bible Societies, 1983, p. 239.

³⁸ David M. Howard, *The New American Commentary: Joshua*, Nashville, Broadman & Holman Publishers, vol. 5, 2001, p. 364.

³⁹ George W. Coats, *Genesis:with an Introduction to Narrative Literature*, Grand Rapids, William B. Eerdmans Publishing Company, vol. 1, 1983, p. 310.

o propósito de descrevê-lo como uma tribo guerreira, possuidora de uma ferocidade incontrolada (Jz 19-20).

O verso seguinte prossegue mencionando que “Na manhã ele devora a presa”: aqui Benjamin é retratado como ocupado na matança dos seus inimigos. Ele está sempre ocupado com a guerra e com a pilhagem e saque dos seus inimigos. E por fim “a tardizinha ele reparte saque”: Vitorioso na batalha ele mata os inimigos e divide o saque ou a posseção entre os guerreiros. Os termos “manhã” e “tardizinha” expressam uma ação ininterrupta (cf. Sl. 55,18; 92,3).

Apesar de ser pequena em território e população, a tribo de Benjamin era muito importante. A explicação histórica para a combatividade dos benjaminitas está baseada em sua situação geográfica. Ocupando uma pequena faixa de terra que separa a região montanhosa de Judá ao sul da região montanhosa de Efraim ao norte, essa tribo era tão estrategicamente localizada que a estrada central norte-sul, assim como a estrada leste-oeste que conduzia à Transjordânia, cruzava o seu território. Como resultado, o território de Benjamin se tornou uma arena para as guerras. Não é por acaso que personagens como o Juiz Eúde (Jz 3,15) e acontecimentos como a oposição israelita a opressão dos filisteus tivessem lugar nesta tribo (1 Sam. 10:5; 13:3). Como o território era muito estratégico, os filisteus trataram de dominá-lo, por conta disso, é natural que o líder israelita que intentara livrar o povo do jugo filisteu fosse o benjaminita Saul, primeiro rei de Israel e guerreiro-libertador (1 Sam. 9:1). Nos dias de Débora, como veremos mais abaixo, os benjaminitas participaram na luta contra Jabin e seu capitão Sísera (Jz 5,14).⁴⁰

O Testamento de Jacó aqui reflete esta situação histórica geral. É bem provável que os benjaminitas fossem bloqueadores de estradas, gente perigosa que saqueavam as caravanas que passavam nas rotas comerciais dentro do seu território.⁴¹

O amado de Javé

O livro de Deuteronômio faz a seguinte menção sobre a tribo de Benjamin.

Para Benjamin ele disse:

⁴⁰ Veja William David Reyrburn; Euan McG Fry, *A Handbook on Genesis*, New York, United Bible Societies, 1997, p. 1099. Também Nahum M. Sarna, *The JPS Torah Commentary Genesis*, Philadelphia, Jewish Publication Society, 1989, p. 345. Gordon J. Wenham, *Word Biblical Commentary: Genesis 16-50*, Dallas, Word Books, vol. 2, 2002, p. 487. Assim como Andrés Ibáñez Arana, *Para compreender o livro do Gênesis*, São Paulo, Paulinas, 2003, p. 627-628. E também Alfonso Lockward, *Nuevo diccionario de la Biblia*, Miami, Editorial Unilit, 2003, p. 156.

⁴¹ Hebert Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos*, p. 158.

o amado de Javé habitará⁴² em segurança perto dele, o que protegerá perto dele todo dia e entre os ombros⁴³ dele habitará. (Dt 33,12)

As palavras são dirigidas a Benjamin como o “amado de Javé” e descreve a sua segurança. O amor indicado nesses versos nos remete ao relato do grande amor de Jacó em relação ao antepassado epônimo da tribo de Benjamin (veja Gn. 42,20).⁴⁴ Parte das palavras contidas nesse versículo podem ter sido inspirada no próprio nome *binyāmin*, que significa literalmente "filho da direita." Não obstante, o termo "direita" indique geralmente o sul, no livro de Salmo também é utilizado como sinal de favor ou proteção (Sl 110,1):

A expressão “amado de Javé” poderia indicar o favorecimento político dessa tribo por Javé, ao revelar grandes personagens que se sobressaíram no cenário israelita, tais como: o comandante Eúde e também a Saul, o primeiro rei de Israel (note que o futuro rei Salomão foi chamado Jededias, "Amado de Javé" [2 Sam. 12:25]). No entanto, visto que Jerusalém e o templo eram também chamados de "amado" (Sl 84,2; 87,2), a expressão “amado de Javé” poderia indicar a presença de santuários em território benjaminita, porquanto a sua presença indicaria a manifestação do amor da divindade por aquele território. Portanto, a meu ver, Benjamin era o “amado de Javé”, pois a divindade residia nessa localidade por meio do santuário.

Em seguida surge a expressão “habitará em segurança perto dele”. O uso de שָׁכַן (shākan) “habitar” deriva da palavra מִשְׁכָּן (mishkān) “tabernáculo”. A tribo habita em segurança em seu território. A expressão אֵלָיו (‘ālāyv) “perto dele” é duvidosa. Alguns a lêem como um nome divino.⁴⁵ O problema com esta leitura é que ignora o אַתְנָח e destrói o balanço entre as duas metades do versículo 12. A melhor leitura seria “perto

⁴² Moises Chavez, *Diccionario de Hebreo Biblico*, p. 710. A palavra שָׁכַן (shākan) tem o sentido de “habitar de maneira fixa”.

⁴³ Ludwig Koehler; Walter Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, p. 506. O termo כַּתֵּף (kāṭēp) “ombro” tem o sentido de “declive da montanha”.

⁴⁴ Robert G. Bratcher; Howard Hatton. *A Handbook on Deuteronomy*, New York, United Bible Societies, 2000, p. 581.

⁴⁵ Veja George M. Landes, *Building Your Biblical Hebrew Vocabulary: Learning Words by Frequency and Cognate*, Atlanta, Society of Biblical Literature, vol. 41, 2001, p. 50. A expressão אֵלָיו (‘elyôn) tem o sentido de “algo que é superior, mais alto, como um nome divino: altíssimo”.

dele”, ou “ao lado de Javé”.⁴⁶ Isto parece significar que Benjamin habitava ao lado de Javé.

A próxima frase diz “O que protegerá perto dele todo dia”. Aqui parece ocorrer uma inversão do sujeito. O particípio הֹפֵֿפֿ (hōpēp) “o que protegerá” faz menção a Javé e a expressão עֲלָיו (‘ālāyv) “perto dele” refere-se a tribo de Benjamin (veja no v. 20 um exemplo semelhante uma mudança no meio do verso). Segundo Tigay, o particípio *hōpēp* não aparece em outro lugar na Bíblia. A tradução “proteger” o relaciona a *huppah* “pálio/cobertura” e ao árabe *haffa* “cercar”. Sendo assim, o verbo significaria “formar um pálio protetor” (veja Isaías 4,5-6).⁴⁷

E por fim deparamos com a expressão “E entre os ombros dele habitará”. Tais palavras podem ser entendidas de duas formas.

(1) Benjamin habita em segurança entre os ombros, ou seja, “nos braços” de Javé. Expressando a segurança que a tribo desfruta sob a proteção de Javé.

(2) Javé habita entre os “ombros”, quer dizer, nas colinas, da tribo de Benjamin.

A segunda opção seria a mais viável. Neste caso, o termo “ombros” indicaria um sentido topográfico “declives, flancos”, significando que Javé habita em seu santuário “dentro das fronteiras de Benjamin”.⁴⁸ O verbo “habitar” (Dt 12.11; Is 8.18) faz referência a um santuário no território da tribo de Benjamin; pode ser Siló ou Betel, mas provavelmente seria a própria Jerusalém (veja Js 15.8; 18.28). Possivelmente o dito provém só da época tardia da monarquia.⁴⁹

E finalmente em Juízes 5,14 encontramos a seguinte referência sobre Benjamin.

De⁵⁰ Efraim (está) raiz⁵¹ deles em Amaleque
atrás de ti Benjamin com povo de ti

⁴⁶ Duane L. Christensen, *Word Biblical Commentary: Deuteronomy 21:10-34:12*, Dallas, Word, Incorporated, vol. 6B, 2002, p. 850.

⁴⁷ Jeffrey H. Tigay, *Deuteronomy. The JPS Torah Commentary*, Philadelphia, Jewish Publication Society, 1996, p. 326.

⁴⁸ Jeffrey H. Tigay, *Deuteronomy. The JPS Torah commentary*, p. 326. Também Hebert Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos*, p. 158. S. R. Driver, *A Critical and Exegetical Commentary on Deuteronomy*, Edinburgh, T. & T., Clark, vol. 3, 1902, p. 403.

⁴⁹ Robert G. Bratcher; Howard Hatton, *A Handbook on Deuteronomy*, p. 581-582.

⁵⁰ Ludwig Koehler; Walter Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, p. 602.

A expressão מִנִּי (minî) corresponde a preposição מִן (min) “de”.

⁵¹ Idem p. 1661. É proposto para a expressão שָׂרְשָׁם (shārshām) “raiz deles” a seguinte leitura conjectural “líder deles, oficial deles”. Dessa forma a frase poderia ser traduzida conforme segue: De Efraim líder deles estavam nas montanhas de Amaleque, ou sob os amalequitas. De Efraim são aqueles cujo as raízes estão em Amaleque.

de Maquir desceram os comandantes (chefes) e de Zebulon os que arrastam (o) cetro do comandante militar (Jz 5,14)

A frase “atrás de ti Benjamin” neste poema provavelmente seja um grito de guerra benjaminita que aparece sarcasticamente em Oséias 5,8-9 acompanhada por um anúncio de julgamento contra Efraim. O grito estaria na boca dos efraimitas, os quais incitariam Benjamin a puxar a frente dos grupos de combate.⁵²

Conclusão

Portanto, vários foram os fatores que contribuíram para que Benjamin se tornasse o berço da monarquia. Por um lado, a sua localização geográfica privilegiada que exigia constante vigilância contra o ataque dos povos vizinhos e, por outro, a forte inclinação belicosa de seus moradores contribuíram para a formação de uma milícia permanente patrocinada pelo Estado. Em segundo lugar, os templos que serviram como a principal fonte arrecadadora de tributos para a manutenção do Estado. E por fim, as estradas por onde escoariam as mercadorias arrecadadas no templo.

BIBLIOGRAFIA

ARANA, Andrés Ibáñez, *Para compreender o livro do Gênesis*, São Paulo, Paulinas, 2003.

BOLING, Robert G., *Judges: Introduction, Translation, and Commentary*, New Haven/London, Yale University Press, 2008.

BOLING, Robert G.; WRIGHT, G. Ernest, *Joshua: A New Translation with Notes and Commentary*, New Haven; London, Yale University Press, 2008.

BOSMAN, H. J.; OOSTING, R.; POTSMAN, F., *Wörterbuch Zum Alten Testament: Hebräisch/Aramäisch-Deutsch Und Hebräisch/Aramäisch-Englisch. A Hebrew/Aramaic-English and Hebrew/Aramaic-German Lexicon of the Old Testament*, Deutsche Bibelgesellschaft, 2004.

BRATCHER, Robert G.; HATTON, Howard, *A Handbook on Deuteronomy*, New York, United Bible Societies, 2000.

⁵² Carlos A. Dreher, *O cântico de Débora – Jz 5: conflito social e teologia num episódio da história do Israel pré-estatal*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 1984, p. 39-40. (dissertação de mestrado). Veja também Robert G. Boling, *Judges: Introduction, Translation, and Commentary*, New Haven/ London, Yale University Press, 2008, p, 111.

BRATCHER, Robert G.; NEWMAN, Barclay Moon, *A Translator's Handbook on the Book of Joshua*, London/ New York, United Bible Societies, 1983.

BROMILEY, Geoffrey W., *The International Standard Bible Encyclopedia*, Michigan, Wm. B. Eerdmans, vol. 4, 2002.

BROWN, Francis; DRIVER Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus, *Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*, Oak Harbor, Logos Research Systems, 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarion S., *Modo de produção asiático: nova visita a um velho conceito*, Rio de Janeiro, Campus, 1990.

CHAVEZ, Moises, *Diccionario de Hebreo Biblico*, El Paso, Editorial Mundo Hispano, 1992.

CHRISTENSEN, Duane L., *Word Biblical Commentary: Deuteronomy 21:10-34:12*, Dallas, Word, Incorporated, vol. 6B, 2002.

COATS, George W., *Genesis: with an Introduction to Narrative Literature*, Grand Rapids, William B. Eerdmans Publishing Company, vol. 1, 1983.

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2009.

DOBBERAHN, Friedrich Erich, Trabalho e direito fundiário: observações a partir do oriente antigo, em *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, Vozes, n. 11, 1986.

DONNER, Hebert, *História de Israel e dos povos vizinhos*, São Leopoldo, Sinodal, 1997.

DREHER, Carlos A., *O cântico de Débora – Jz 5: conflito social e teologia num episódio da história do Israel pré-estatal*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 1984. (dissertação de mestrado).

DRIVER, S. R., *A Critical and Exegetical Commentary on Deuteronomy*, Edinburgh, T. & T., Clark, vol. 3, 1902.

FREEDMAN, David Noel, *The Anchor Bible Dictionary*, New York, Doubleday, vol. 1, 1996.

FREEDMAN, David Noel, *The Anchor Bible Dictionary*, New York, Doubleday, vol. 3, 1996.

FREEDMAN, David Noel, *The Anchor Bible Dictionary*, New York, Doubleday, vol. 4, 1996.

GESENIUS, Wilhelm; TREGELLES, Samuel Prideaux, *Gesenius' Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament Scriptures*, Bellingham, Logos Research Systems, 2003.

GOTTWALD, Norman K., *As tribos de Yahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a.C.*, São Paulo, Edições Paulinas, 1986.

HOWARD, David M., *The New American Commentary: Joshua*, Nashville, Broadman & Holman Publishers, vol. 5, 2001.

KELEY, Page H., *Hebraico bíblico: uma gramática introdutória*, São Leopoldo, Sinodal, 1998.

KIRST, Nelson; KILLP Nelson; SCHWANTES, Milton; RAYMANN Acir; ZIMMER, Rudi, *Dicionário hebraico-português & aramaico-português*, São Leopoldo/ Petrópolis, Sinodal/Vozes, 1989.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, Leiden, Koninklijke Brill NV, 1994-2000.

LANDES, George M., *Building Your Biblical Hebrew Vocabulary: Learning Words by Frequency and Cognate*, Atlanta, Society of Biblical Literature, vol. 41, 2001.

LOCKWARD, Alfonso, *Nuevo diccionario de la Biblia*, Miami, Editorial Unilit, 2003.

REYBURN, William David; FRY, Euan McG, *A Handbook on Genesis*, New York, United Bible Societies, 1997.

SARNA, Nahum M., *The JPS Torah Commentary Genesis*, Philadelphia, Jewish Publication Society, 1989.

SCHWANTES, Milton, *As monarquias no antigo Israel. O estado monárquico no final do século XI a.C.: um roteiro de pesquisa histórica e arqueológica*, São Leopoldo/São Paulo, CEBI/Paulinas, 2006.

SMITH, William, *Smith's Bible Dictionary*, Nashville, Thomas Nelson, 1997.

SWANSON, James, *Dictionary of Biblical Languages With Semantic Domains: Hebrew (Old Testament)*, Oak Harbor, Logos Research Systems, 1997.

TIGAY, Jeffrey H., *Deuteronomy. The JPS Torah Commentary*, Philadelphia, Jewish Publication Society, 1996.

WENHAM, Gordon J., *Word Biblical Commentary: Genesis 16-50*, Dallas, Word Books, vol. 2, 2002.

WOOD, D. R. W., *New Bible Dictionary*, Illinois, InterVarsity Press, 1996.